

Barebacking e a possibilidade de soroconversão

Barebacking and the possibility of seroconversion

Luís Augusto Vasconcelos da Silva ¹

Abstract

This article discusses the production of meanings concerning the possibility of HIV seroconversion in bareback sex practices, as well as the dynamics of bug chasing and its ambiguities in the Brazilian context. The article emphasizes several reasons for engaging in barebacking, generally defined as the intentional nonuse of condoms during anal sex among men who have sex with men. During the course of my research, some Orkut communities and chat forums on barebacking were followed, and open online interviews via MSN Messenger were conducted with barebackers from different States of Brazil, mainly São Paulo and Rio de Janeiro. Pursuit of seroconversion was also present in the contexts of online interaction in the Brazilian scenario, although there was much more of a multiplicity of interests and barebacking modalities across the various on-line interlocutors. As discussed in this article, rather than acquiring the HIV per se, there is an excessive interest in expanding or intensifying thrill seeking.

Unsafe Sex; Male Homosexuality; Sexual Behavior; Risk Behavior

¹ Colegiado de Psicologia,
Universidade Federal do Vale
do São Francisco, Petrolina,
Brasil.

Correspondência

L. A. V. Silva
Colegiado de Psicologia,
Universidade Federal do Vale
do São Francisco.
Av. Presidente Tancredo Neves
100, C. P. 252, Petrolina, PE
56306-410, Brasil.
luisvascon@uol.com.br
luis.silva@univasf.edu.br

Introdução

Este artigo é oriundo de uma tese de doutorado (2004-2008), de base etnográfica, sobre a relação entre risco e prazer no contexto atual da epidemia de HIV/AIDS, mais precisamente sobre os sentidos e práticas do *barebacking* no contexto brasileiro. Originalmente empregado nos rodeios norte-americanos como uma modalidade de esporte sem proteção, o termo *barebacking*, que significa, literalmente, “*cavalgar ou montar sem cela*”, passou a ser usado no contexto da comunidade *gay* norte-americana, em meados de 1990, de forma analógica para designar o sexo sem preservativo ¹. Para alguns autores, representa uma estratégia de resistência ao discurso imperativo da saúde ^{2,3,4}. Partindo, então, de uma leitura sócio-construcionista na discussão sobre sentidos do risco ^{5,6,7}, buscou-se compreender a forma como usuários brasileiros da Internet compreendem o fenômeno do *barebacking*.

De modo geral, o *barebacking* é definido como o sexo anal desprotegido entre homens que fazem sexo com homens de forma intencional ^{8,9,10,11}, ainda que haja diferenças (e ambigüidades) quanto ao tipo de vínculo e condição sorológica dos parceiros envolvidos. Nessa perspectiva, alguns autores buscam delimitar melhor o conceito. Por exemplo, Mansergh et al. ¹² definem o *barebacking* como o sexo anal intencional entre homens que não são parceiros primários, sem o uso do preservativo. Por sua vez, Wolitski ¹³ refe-

re-se ao termo como sendo o sexo anal sem preservativo de forma intencional, exceto quando praticado por parceiros primários HIV negativo que mantêm um relacionamento mutuamente monogâmico ou em um relacionamento de proteção negociada.

Entretanto, o *barebacking* também tem sido usado em um sentido mais corriqueiro para referir-se a qualquer sexo anal desprotegido, mesmo de forma ocasional ou não intencional^{14,15}. Essas ambigüidades ou deslocamentos de sentido também dizem respeito à modalidade de *barebacking* conhecida como *bug chasing*, quando um homem HIV negativo procura deliberadamente um homem HIV positivo para ser infectado¹⁶, podendo superar uma diferença e compartilhar o mesmo *status* sorológico de uma comunidade¹⁷.

Nessa direção, muitos *barebackers* aparecem como indiferentes ao *status* sorológico de seus possíveis parceiros¹⁸ ou buscam parceiros do mesmo *status* sorológico^{9,12}. Por exemplo, ao analisarem os *profiles* na Internet de homens que se auto-identificavam como *bug chasers* ou *gift givers* (homens soropositivos que procuram passar o vírus HIV para um soronegativo), Grov & Parsons¹⁹ esclarecem que apenas uma parte pequena procurava, genuinamente, parceiros de *status* sorodiscordante, enquanto a maior parte se mostrava ambivalente em relação ao *status* sorológico de seus parceiros.

Dessa forma, diferentes aspectos parecem estar envolvidos no *barebacking* para justificar ou motivar a emergência desta prática. É o caso, por exemplo, quando os *barebackers* fazem referência aos benefícios e prazeres obtidos no sexo desprotegido, principalmente no que concerne à maior estimulação física e ao sentimento de estar emocionalmente mais próximo ou conectado com o parceiro¹². Na mesma direção, Halkitis et al.⁹ destacam a idéia de que o *barebacking* afirma a masculinidade, além de produzir os sentimentos de intimidade, maior contato entre os parceiros, incluindo a percepção de um sexo mais “quente”. Esta discussão sobre a masculinidade também pode ser encontrada no texto de Ridge²⁰, quando um dos seus informantes diz que receber o esperma significa incrementar sua própria masculinidade.

É nessa direção que busco discutir ou problematizar algumas das razões ou justificativas para a realização do *barebacking*, o que inclui a percepção otimista do HIV/AIDS em decorrência do impacto das novas terapias anti-retrovirais^{8,21}. De forma mais precisa, neste artigo, discuto a produção de sentidos sobre a possibilidade da soroconversão, considerando a dinâmica do *bug chasing* e suas ambigüidades no contexto brasileiro.

Localizando alguns brasileiros praticantes do *barebacking*

Em 2006, após uma pesquisa de reconhecimento do campo, na Internet, utilizando suas ferramentas de busca, encontrei algumas comunidades do Orkut (<http://www.orkut.com>) que discutiam as práticas do *barebacking*, bem como os aspectos positivos e negativos em relação ao uso da camisinha. Após aproximadamente um ano e cinco meses de observação participante *online* nas comunidades do Orkut (desde abril de 2006 a setembro de 2007), pude participar de alguns fóruns criados diretamente para a discussão sobre o *barebacking* ou sobre o sexo sem camisinha.

Durante essa trajetória, como forma de acompanhar os grupos de discussão, foi criada uma página específica com as informações da pesquisa no Orkut. Com a criação da minha página, foi possível solicitar a participação de voluntários para uma entrevista *online*, aberta, utilizando o recurso do MSN (existente para a conversa em tempo real). Vale enfatizar que também deixei registrado, na respectiva página, meu endereço eletrônico para contato. Cada novo convite no MSN significava uma resposta positiva para participar da pesquisa, ainda que esses interlocutores pudessem desistir ou retirar seu consentimento a qualquer momento.

Entre os usuários da Internet que me cadastraram no MSN, estabeleceram contato e conversaram comigo, busquei delimitar a pesquisa em torno de 30 homens, de diferentes idades e regiões do país. Desses 30 contatos, 23 deles disseram praticar *barebacking*, incluindo alguns que fizeram restrições ao conceito, considerando algumas divergências entre o que conheciam do *barebacking* e o que eles queriam com a prática. Mais especificamente um desses contatos frisou que faz sexo sem camisinha “*de vez em quando*”, mas não sabia se isso o tornava realmente um *barebacker*. Outros dois disseram não ser praticantes do *barebacking*, mas já terem feito ou esporadicamente faziam sexo sem camisinha. Em contrapartida, alguns (4) apenas se identificaram como curiosos ou terem vontade de praticar *barebacking*.

É importante esclarecer que todos os meus interlocutores do MSN foram chamados pelo codinome de *Moscarda*, uma referência à personagem de Luigi Pirandello, do livro *Um, Nenhum e Cem Mil*²², através do qual busquei focalizar algumas perspectivas, facetas ou imagens identitárias masculinas (possíveis *barebackers*) no cenário brasileiro, sempre no esforço de preservar o anonimato de meus interlocutores. Em *Um, Nenhum e Cem Mil*, o protagonista, Vitangelo Moscarda, encontra-se em situação inusitada ao des-

cobrir-se não ser aquele que até então acreditava ser. Por intermédio de outro, sua esposa, percebe que seu nariz pende para a direita. A partir de então, mergulhado em dúvidas e questionamentos sobre sua própria identidade, busca conhecer o estranho que não ele mesmo. Durante a trajetória de rápidas transformações, o protagonista convive com a incerteza sobre si mesmo, um drama que se tensiona com a descoberta “*dos cem mil Moscarda*” não só para os outros, mas também para ele próprio.

No que concerne à “identificação” de cada um dos Moscarda em foco, ela será feita na forma de um endereço eletrônico (*e-mail*) fictício, trazendo apenas sua respectiva idade e região do país de onde teclava, por exemplo: *Moscarda29@hotmail.com, RJ*. Entre os Moscarda que se auto-identificaram como praticantes do *barebacking* (23), todos se colocaram na posição de homens com práticas homoeróticas, preferindo fazer sexo com outros homens. No que concerne à ocupação, eram, predominantemente, profissionais de nível superior ou estudantes universitários. Apenas três deles se posicionaram como HIV positivo.

Para organizar melhor a distribuição dos fragmentos e leitura dos textos, tentei adaptá-los a um formato de escrita (narrativa) mais híbrido, trazendo, sempre que possível, os estilos de linguagem dos meus interlocutores e da mídia em que foram gerados. No decorrer do artigo, muitas das construções narrativas, estilos e usos de linguagem dos Moscarda em foco estarão destacados em itálico. Alguns dos fragmentos de discurso *online*, como continuação de uma resposta, foram postos no mesmo parágrafo, com o objetivo de tornar a leitura mais fluida. É possível que alguns dos recursos ou signos utilizados para complementar ou construir enunciados, como imagens e símbolos disponíveis no próprio MSN, tenham se perdido no momento de transferi-los e salvá-los como documento de texto (Microsoft Word; Microsoft Corp., Estados Unidos); ou mesmo quando foram trabalhados no QSR Nvivo (software específico usado para o tratamento e armazenamento de dados qualitativos. QSR International Pty, Doncaster, Austrália).

Finalmente, além do respeito ao anonimato, todos os meus interlocutores ficaram cientes de que os dados produzidos seriam utilizados em uma pesquisa de doutorado sobre as práticas do *barebacking*. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia (Registro CEP: 025-07/CEP-ISC).

Bug chaser ou fire player?

Em inglês, *bug chaser* (que significa caçador de inseto) é o termo usado para o homem HIV negativo que procura ser infectado pelo vírus, e quem passa o vírus é denominado de *gift giver* (doador de presente), ou seja, aquele que dá o “presente” (o HIV). Gauthier & Forsyth¹⁶ destacam quatro linhas de explicação para a existência do *bug chasing*: alívio por contrair o vírus depois do que parecia inevitável; o risco como uma forma de erotismo; sentimento de pertencimento ao grupo; e como ação política. Esta busca pela soroconversão, ainda que muitas vezes não associada ao termo original em inglês, também esteve presente nos contextos de interação *online* do cenário brasileiro, embora tenha encontrado muito mais uma multiplicidade (e deslocamento) de interesses e modalidades de *barebacking* entre os diversos interlocutores *online*.

Esta diversidade de interesses reforça o argumento de que nem todas as pessoas querem, necessariamente, contrair o vírus, adoecer ou morrer, ainda que esta possibilidade seja, para alguns, uma forma de intensificar o prazer, sair da rotina ou mesmo uma maneira de se sentir mais livre e autônomo diante das preocupações, convenções e regras sociais. Nesta perspectiva, colocar-se em risco parece, também, indicar que as pessoas buscam uma nova referência, uma marca que possa diferenciá-las, enfim, produzir sentido ou “*restaurar um valor para a sua existência*”²³ (p. 17). Nessa direção, um dos meus interlocutores do MSN iniciou sua história sobre o *barebacking* contando como se tornou um *bug chaser*:

“Bom... eu comecei minha vida sexual aos 15 (meio... típico), e talvez pela ingenuidade (novo e morava no interior), deixei a camisinha de lado muitas vezes... aí eu fui percebendo que era prazeroso... depois eu vim pra Sampa (17) e comecei a ouvir falar do bareback... definições, e principalmente: riscos... ah, que existiam clubes, adeptos, e que um dos propósitos era justamente querer contrair o HIV... aí que vem a bomba, quando eu cheguei em Sampa, eu me toquei que eu tava morando sozinho, longe de qualquer conhecido (opção minha)... veio a depressão profunda... solidão... eu sou um bom pisciano... não sei viver sozinho... então juntando o estado que eu tava, e o conhecimento que eu tinha de bare, virei um Bug Chaser” (Moscarda18@hotmail.com, SP).

Este Moscarda nada sabia sobre o termo *bug chaser*. Entretanto, sabia que *queria morrer*, e a AIDS era uma maneira de fazê-lo. No dia anterior à nossa conversa, havia descoberto que “*bug chaser são pessoas negativas, que praticam bare pra converter-se em positivas*”. Ele apenas “*não*

sabia o nome”, mas estava ciente de que as chances de contrair o vírus estavam aumentando demais. E afirmava “*querer isso*”, mas aconteceu o contrário: nunca pegou o vírus.

Moscarda havia “*transado inúmeras*” vezes sem camisinha. No entanto, segundo ele, “*nunca*” participou de “*surubas: estourando um sexo à 3, mas a rotatividade de parceiros sempre foi enorme*”. Dizia que a vida devia “*ser boa demais*” com ele. Explicava também que nem sempre o sexo sem camisinha foi “*de olhos vendados*”, “*já transei com caras que me afirmaram ser positivos, e nem assim*”. Durante este percurso, diferentes reações estiveram presentes: “*quando eu tava mal, eu pensava ‘porra, não foi dessa vez’, quando eu comecei a melhorar, eu só sentia um alívio*”. Com o passar do tempo, Moscarda “*decidiu viver*”, mas sem abandonar o *barebacking*: “*tirei tudo aquilo da cabeça, mas já faziam anos que eu era adepto ao bare*”. Agora, estava “*viciado*”. Para ele, existia uma diferença entre querer se contaminar (de forma consciente) ou se contaminar de forma acidental: “*eu não me importaria de fazer tratamento se acontecesse... se acontecesse por um infortúnio, mas eu ter consciência que vai acontecer... aí eu passo longe*”. Nessa direção, Moscarda expunha a dúvida se teria um namorado soropositivo: “*eu não sei se eu namoraria com um positivo... eu sou adepto à não usar camisinha... se fosse algo constante com essa pessoa, eu estaria pedindo pra me contaminar*”.

Já não era a morte que este Moscarda desejava, mas, simplesmente, o prazer do contato com o esperma. Ele não mais se considerava “*um chaser, talvez um fire player*” [palavra inglesa utilizada por ele mesmo, no esforço de produzir um novo sentido – em português: “*jogar com o perigo*”, “*brincar com fogo*”]. Dizia ser “[soro]negativo”. E explicava que, se fosse considerar o conceito, seria um *chaser*. Entretanto, Moscarda dizia não procurar (mais) “*nada*”, ou melhor, ele não queria “*pegar*” AIDS, apenas sentir prazer.

Em relação a esta possibilidade de soroconversão, outro meu interlocutor (Moscarda23@hotmail.com, SP) contou que já teve a fantasia de contrair o HIV: “*eu gostava de transar sem porque tinha tesão pelo risco... porque tinha a intenção de contrair a doença*”. Este Moscarda falava sobre “*falta de auto-estima: sabe quando sua vida é uma droga e vc quer logo deixar de viver, então eu não tinha coragem de me matar daí uni o útil ao agradável*”. Moscarda admitia ter se acostumado com o *barebacking*. Dizia não ligar para a doença, “*muito menos viver*”. Entretanto, no momento da nossa conversa, ressaltava que também não havia mais esse “*tesão pelo risco*”, principalmente porque sabia que “*ninguém morre de aids hoje em dia*”. O que havia ficado no lugar? Segundo

ele, “*liberdade de fazer o que quer de sua vida sem se importar com nada*”. Para este Moscarda, esta sensação de liberdade dava prazer e “*muito alívio*”. Nesse sentido, o *barebacking* era sua forma de viver: “*de morrer existem formas bem mais práticas, é que sou covarde e não consigo*”.

Segundo outro Moscarda (Moscarda29@hotmail.com, RJ), apesar de acontecer de forma deliberada, “*premeditada*”, o *barebacking* não está “*diretamente*” associado ao risco de contrair o HIV, no sentido de querer (conscientemente) contraí-lo. Entretanto, admitia que pudesse ocorrer uma “*vontade*” de se contaminar, “*não consciente*”. Para ele, esta vontade estava ligada a uma idéia de “*libertação*”, principalmente porque não precisaria mais se preocupar se fosse HIV, “*por mais que existam os riscos de reinfecção*”. Buscou, então, sintetizar os motivos pelos quais o faziam praticar *barebacking*:

“*O prazer de sentir seu pau entrando sem borracha, ou de sentir a porra escorrendo pelo cu, prazer físico mesmo, o prazer apesar de ser proibido, e talvez justamente por isso, sendo maior do q o risco (...) talvez ligada ao alívio de não precisar usar mais camisinha*” (Moscarda29@hotmail.com, RJ).

Prazer, proibição e alívio. Estas três palavras estavam conectadas com outras idéias que circularam na Internet e entre os meus interlocutores online. O risco, por estar tão presente no cotidiano deste Moscarda, com o passar do tempo diminuía em importância; ou melhor, preocupava-se menos com ele: “*no começo vc pensa q o risco é mínimo, e depois vc já sabe q o risco é tao grande q nem se preocupa mais*”. Para ele, o mais importante era que o prazer obtido fosse superior ao próprio risco de infecção. Este meu interlocutor também dizia não ter medo de se infectar (até porque achava que já estivesse), tampouco medo da morte, embora não quisesse morrer doente. Sobre a possibilidade de fazer o teste para HIV, afirmava não ter “*a menor vontade de fazer exame*”, porque não iria mudar sua prática: “*apenas, talvez a duração dela, morrer cedo, sei lá*”. Para Moscarda, entretanto, esta busca de prazer não deve ser traduzida, simplesmente, por uma idéia, ou “*reflexo*”, ou “*mecanismo*” (consciente) de baixa auto-estima, de querer ficar doente, apesar de não sentir medo da morte:

“*Talvez o ‘eu-nao-ligar-para-o-risco-da-minha-busca-por-prazer’ seja reflexo de baixa auto-estima incunbada.... mas nao acho q a pratica do bareback seja algo consciente, como um mecanismo, um gatilho d abixo [baixo] autoestima nao, acho q pode ser um desdobraamento, mas nada tao direto, nao é como injetar sangue contaminado, nem querer ficar doente, nao tenho medo da morte, mas de doenca tenho.... nao quero ficar doente... mas tb nao quero ficar sem fazer o q me da*

prazer, e o q me revolta, e saber que a 30 anos toda esta reflexao seria desnecessaria!!" (Moscarda29@hotmail.com, RJ).

Em relação à experiência do teste para HIV, momento importante para atualizar (ou redirecionar) a prática do *barebacking*, por exemplo, sobre a necessidade de desenvolver algum tipo de cuidado durante os encontros sexuais, alguns dos meus interlocutores do MSN que se diziam soronegativos falavam sobre a emoção (“*adrenalina*”) produzida durante a trajetória de realização dos exames. A cada novo resultado negativo, produzia-se uma satisfação pessoal (“*gozo*”) como se “*estivesse ganhando o jogo*” (Moscarda32@hotmail.com, SP). Outro interlocutor afirmava que havia momentos em que pensava no risco. Entretanto, para ele, o prazer ocorria justamente quando se “*consegue enganar este risco de qualquer infecção*” (Moscarda27@hotmail.com, SP). Periodicamente, este Moscarda fazia o teste para HIV. Seu último resultado havia dado negativo. Segundo o mesmo, independentemente do resultado, estaria “*sempre motivado ao bare*”. Nesta direção, procurava enfatizar que, se o teste desse positivo, o prazer que sentia ao desafiar o risco não iria mudar, pois seu objetivo era enganar o risco, ser superior a ele, inclusive mostrando-se mais forte que a própria infecção:

“*Estarei eu aki ainda pra contorna-lo, não seria um resultado capaz de mudar isto, o prazer, o desejo é muito maior... enganar o risco não somente não contrair uma infecção e [SIM] provar que será sempre menor que o próprio prazer, contrair uma infecção e parar com as práticas bares seria ser derrotado pelo risco, continuar com a prática bare apesar da infecção é mostrar-se forte*” (Moscarda27@hotmail.com, SP).

A partir de alguns relatos acompanhados, durante a relação sexual desprotegida, quando se imagina (ou se sabe) que o parceiro é HIV positivo, parece que ocorre uma intensificação do desejo de se entregar completamente ao ato, de trazer o parceiro plenamente para dentro de si, de se perder momentaneamente no outro. Neste contexto de múltiplos posicionamentos, ainda que a posição de soropositivo possa produzir medo e horror em outras pessoas soronegativas, inclusive entre os *barebackers* que não querem se contaminar, outros sentimentos contraditórios e ambíguos estarão presentes nos diferentes encontros e relacionamentos, como a curiosidade e a fascinação por participar, viver ou compartilhar com o outro uma condição ou “*identidade [soro]positiva*”. Em uma dessas trajetórias interativas, um dos meus interlocutores (soronegativo) disse ter se relacionado com outro homem já sabendo que ele era HIV positivo. Mesmo assim, ele quis transar sem camisinha, quis “*jogar, testar*

seu limite, sua coragem”. Para ele, essa “*relação louca*” foi uma das melhores que teve em todos os sentidos. Sentiu-se apaixonado, querendo possuir um “*pouco da morte*” que vinha de dentro do parceiro. Entretanto, relatava que o parceiro, preocupado e cheio de culpa, não queria “*gozar dentro*” dele. Este Moscarda achava tudo isso “*hipócrito e católico demais*”. Acabou ficando de “*saco cheio*” e não quis mais nada com ele:

“*Ae na hora d gozar ele tirou... e gozou em cima da minha bunda... eu fiquei puto com ele... ae ele surtou me chamou d irresponsavel... e tudo... ae eu fiquei bem afim dele... queria trepar todo dia toda hora... paixão mesmo... ae ele ficou surtado tambem estav [estava] apixonado [apaixonado] mas toda vez tirava... e queria transar só com borracha... então não rlou [rolou] porque ele começou a achar que estava me contaminando, ficava falando... que eu era saudavel tinha uma vida, pela frente... era cheio d planos... que nen gripe eu pegava... que eu nun sabia o q era conviver com hiv... ae eu enchi o saco, e comecei achar ele muito cheio de culpas... e eu odeio gente cheia de culpa... me soa hipocrita, católico demais... mas a trepada era maravilhosa... eu falava par ele.. vem... me da um pouco da sua morte... ae ele tirava o pau d dentro d mim... puto da vida... rrsrsrsr*” (Moscarda32@hotmail.com, SP).

Este mesmo Moscarda também relatou que, às vezes, com outros parceiros, estava no meio do sexo e “*encanava*” que o “*cara*” estava doente. Segundo ele, neste momento, aparecia então “*a crueldade*” e perguntava: “*vc está contaminado? ou vc é saudável?*”. Dessa forma, explicava que, “*se o cara não era ele*”, parava e ficava sem reação: “*logo emenda com um... acho que sou, ou não... vc é?*”. Moscarda admitia haver certo “*sadismo*” de sua parte quando “*via o cara se desmanchar na frente dele*”, mas também criticava “*a indústria farmacológica*” por fazer com que as pessoas “*caíssem*” na “*armadilha*” da AIDS. Moscarda tentava explicar que este seu questionamento no meio de uma relação sexual não ia de encontro à sua postura subversiva, tampouco à prática do *barebacking*. O que ele fazia era testar seu limite e do próprio parceiro, ver até onde podia resistir e continuar dentro do jogo:

“*A minha postura é subversiva, a minha pratica tambem, quanto a eu perguntar... é par [para] testar meus limites... e o da pessoa ver até que ponto isto importa para ela e para mim... ver até onde eu encaro esta roleta russa...*” (Moscarda32@hotmail.com, SP).

Liberdade, investimento no presente e otimismo em relação ao HIV/AIDS

A partir de textos diversos no Orkut, principalmente quando alguns dos *barebackers* buscavam responder às críticas de outros membros que não concordavam com a prática do *barebacking*, pude perceber que existe uma idéia muito marcante sobre a liberdade de ação e escolha dos indivíduos, por exemplo, com a afirmação de que “*cada um deve se cuidar ou cada um sabe seus riscos*”. Não é à toa que muitos dos meus interlocutores do MSN destacavam, também, a sensação de liberdade que o *barebacking* fazia provocar: “*o sexo é muito mais prazeroso, me dá uma certa ‘liberdade’... é aquela coisa de chupar bala com papel... vc sente que tá dentro da boca, mas não saboreia*” (Moscarda18@hotmail.com, SP). Este mesmo Moscarda ainda ressaltou que *barebacking* é “*uma opção (é igual fumar maconha, ser evangélico ou fazer ballet... cada um escolhe o que quer, consciente dos riscos e benefícios)*”. Neste sentido, disse que, às vezes, acontecia de um determinado parceiro exigir a camisinha. Quando ocorria de encontrar algum tipo de resistência ou indefinição do parceiro, sua resposta acontecia de acordo com o seu “*psicológico: se ele exige, tudo bem... agora, se eu ouvir ‘é melhor né’, já era*”. Essa resposta dava a Moscarda uma opção, e se ele podia optar, “*óbvio que eu não vou querer*”.

Outro Moscarda (Moscarda29@hotmail.com, RJ) buscou, também, ressaltar que o “*bare é uma escolha, sempre*”. Em relação à imagem do *gay* irresponsável, promíscuo, vinculada aos *barebackers*, este Moscarda fez questão de perguntar: “*o gay DEVE ser responsável e eunuco?*”. E respondia em relação a ele mesmo: “*eu nao gosto de ‘ser responsável’*”. Este tópico abre uma discussão sobre um modelo de responsabilidade em foco, eminentemente individualista, neoliberal, que tem justificado a prática do *barebacking*²⁴. Em vários momentos interativos, participantes de diferentes fóruns justificam suas escolhas e práticas através do uso de sua liberdade, ou seja, do direito de usar o corpo e obter prazer da forma que lhes convêm, em outras palavras, devendo cada um ficar “*na sua*”. Nessa mesma direção, o problema e as conseqüências dos atos também seriam de cada indivíduo. Existe uma réplica comum às críticas ao *barebacking* ou ao não uso da camisinha que gira em torno da seguinte premissa: “*cuide da sua vida... se não curte, o que está fazendo aqui?*”.

Para além desta visão neoliberal, que percebe estas decisões como completamente livres e racionais²⁴, gostaria de ressaltar que as escolhas estão sempre situadas, posicionadas, mediadas por práticas, relações de poder, discursos (sobre o

corpo, a vida, a saúde etc.), atores diversos, ocorrendo em contextos relacionais ou performativos²⁵. Em uma perspectiva bakhtiniana, todo ato é “*responsivo*” e participativo (não-indiferente) no mundo²⁶. A responsabilidade, portanto, é dialógica e nunca se “*expressa*” de forma isolada ou que dependa, única e exclusivamente, de um sujeito “*ensimesmado*”, fechado em si mesmo, ou de um *self* racional.

Nesta direção, também é importante lembrar que existe uma dimensão erótica implicada nas decisões ou escolhas em torno do *barebacking*, quando entra em cena um sentimento de comunhão, unidade, entrega ou continuidade entre os seres²⁷. Assim, a ambigüidade e o atravessamento de fronteiras, como modos de transgressão, significam também excitação, êxtase, ou fonte de prazer. Para além de localizar e fixar culpados de um lado e vítimas de outro, entra em cena a necessidade de compreender os processos (e contextos) pelos quais os atores concretos (posicionados) fazem suas escolhas ou tomam decisões.

Nessa mesma direção, torna-se importante focalizar melhor dois aspectos importantes, estreitamente vinculados, da vida contemporânea. Estes aspectos compõem a base ou fundamento cultural para justificar ou mobilizar a realização do *barebacking*. O primeiro aspecto diz respeito à concepção temporal presente nos discursos sobre o *barebacking*. No decorrer da minha pesquisa, pude encontrar uma preocupação excessiva com o prazer imediato, de investimento ou aposta emocional no presente. A idéia de que “*é melhor viver 10 anos a mil e não 1.000 anos a dez!!!*” é um bom exemplo para descrever esta busca de auto-realização imediata, de entrega total ao momento presente, portanto sem deixar a oportunidade passar em vão, sem vivê-la intensamente, já que é difícil prever o amanhã ou ter as mesmas oportunidades e sensações a longo prazo. A qualidade da vida parece ser avaliada pela intensidade (quantidade) de experiências e sensações produzidas e acumuladas.

O outro aspecto que merece uma análise mais cuidadosa, e que deve exigir o desdobramento de trabalhos futuros, é a dúvida ou questionamento sobre as conseqüências ou efeitos concretos da AIDS, de otimismo em relação à severidade do HIV, principalmente em contextos de incremento das terapias anti-retrovirais. Nesta direção, Halkitis et al.⁹ destacam, no nível mais comunitário, algumas das razões para a emergência do *barebacking*, entre elas, as campanhas “*chatas*” de sexo seguro, o avanço do tratamento para o HIV e o “*cansaço*” em relação à epidemia da AIDS. De acordo com algumas discussões e elementos dispersos no decorrer de algumas mensagens, alguns dos meus interlocutores enfatizam que o

HIV não mata mais, ou, se assim o fosse, muito mais gente teria morrido de AIDS.

Durante uma conversa no MSN, um dos Moscarda (Moscarda18@hotmail.com, SP) também dizia que havia se acomodado com o excesso de informação: “*eu sei da eficácia dos tratamentos, tenho amigos que vivem muuuito bem com a aids, não me assusta mais, não consigo enxergar mais como morte*”. Nessa perspectiva, dizia conhecer “*aidético que morreu atropelado*”. Esses contextos atuais de instabilidade, incerteza, mudanças de referência, questionamentos ou dúvida em relação às formas concretas (e previsíveis) do risco de adoecimento e morte, apresentando-se também sob outras formas diversas (e dispersas) do cotidiano, com a existência (surgimento) de tantos “*perigos*” diários, parecem potencializar o argumento de que é melhor mesmo viver o tempo presente da forma mais intensa (e livre) possível, segundo o estilo de vida de cada um ou gostos pessoais:

Se a AIDS passou a ser vista “*como uma doença crônica*” (Moscarda37@hotmail.com, SP), fazendo com que alguns se preocupassem menos com a possibilidade da infecção, inclusive porque se “*demora muito pra morrer com o HIV*” (Moscarda23@hotmail.com, SP), ou só morre “*se a pessoa quiser pegar aids, pegar, souber disso e se negar à fazer o tratamento*” (Moscarda18@hotmail.com, SP), a própria possibilidade de soroconversão (mudança de *status* sorológico) pode significar uma maneira de alterar a rotina ou percebê-la (e a si mesmo) de uma forma mais livre, sem grandes preocupações. Por outro lado, alguns dos meus interlocutores preferiam não pensar no risco de infecção por HIV. Nessa perspectiva, acredito que seja interessante e produtivo discutir as mudanças das crenças em relação à severidade ou transmissão do HIV de modo mais convergente ou articulado com outras características e contextos da atualidade, quando as pessoas escolhem apostar ou investir em ganhos sensoriais mais tangíveis, imediatos, concretos, singulares, ainda que sejam menos duráveis no decorrer do tempo.

Considerações finais

Conforme discutido neste artigo, o *barebacking* não mais se reduz à figura do *bug chaser*, daquele homem *gay* HIV negativo que procura um homem soropositivo para receber o “presente” (o HIV). Isso não significa que os termos tenham se esvaziado de sentido, inclusive porque muitos dos homens com práticas homoeróticas utilizam o signo (*nickname*) *bare* (BB) e suas variações na Internet (*bare* vitaminado, carimbado, positivo,

convertido, convertido, versátil etc.) para mobilizar e direcionar seus encontros sexuais desprotegidos a partir dos interesses em foco, nem sempre correspondendo às mesmas expressões em inglês ou às traduções mais convencionais. É o caso, por exemplo, do uso em português das palavras “convertido” (que adquire o HIV), “converter” (mudar a condição sorológica) e “convertedor” (aquele que passa o HIV ou converte o negativo em positivo). Já em relação ao termo *barebacking*, é preciso ressaltar que ainda não há um correlato na língua portuguesa, apesar de muitos usuários da Internet traduzirem-no, simplesmente, como “*sexo sem camisinha*” ou “*borracha*”, confundindo ou expandindo alguns de seus limites conceituais¹⁵.

No que diz respeito à idéia de soroconversão, essa temática abre uma discussão sobre o modo como as relações passam a ser orientadas e organizadas em torno de marcas e atributos corporais (biológicos), ou seja, em torno das “bioidentidades”²⁸. Vale lembrar que qualquer construção específica da identidade é sempre arbitrária, instável, produzindo exclusões e oposições, corpos abjetos, no sentido de expulsar o que parece estranho ou fora do lugar²⁹.

Nesta direção, gostaria de enfatizar que o corpo não é um campo de inscrições neutras³⁰. E mais, os discursos e práticas sobre a saúde (e o corpo) produzem efeitos diversos na vida das pessoas, ainda que elas mesmas possam mobilizar outros sentidos. Daí a importância de construirmos espaços mais abertos e dialógicos que possam reconhecer as diferenças; espaços estes em que as pessoas se sintam incluídas (e desejadas), sem terem, necessariamente, de compartilhar uma mesma identidade (positiva ou negativa), ou mesmo uma imagem padronizada de corpo (jovem, saudável, forte e bonito) ou da “boa forma”.

Não podemos esquecer que mudanças importantes têm ocorrido em torno da sexualidade. Conforme destaca Bauman³¹, as relações eróticas adquirem na contemporaneidade características de consumo, diferentemente do modelo das instituições “panópticas” que buscavam assegurar e perpetuar a ordem social. Neste novo contexto, as pessoas aprendem a buscar e colecionar sensações, sempre mais profundas e intensas. Os corpos devem convergir para o *fitness*, não no sentido da saúde como um estado pronto, mas sempre para o movimento, para a busca de sensações novas em relação à infinidade de estímulos. Neste modelo de *fitness*, as pessoas são vistas como colecionadoras de experiências e sensações.

Conforme exemplificado no decorrer deste artigo, mais do que adquirir o HIV, existe uma

preocupação excessiva por acumular ou intensificar sensações. Em outras palavras, estou me referindo a um tipo de prazer que advém de um contato mais “*natural*”, “*real*”, “*pele a pele*”. Nesta direção, o *barebacking* encontra-se conectado a um discurso contemporâneo que faz referência à liberdade de escolha (individual), como também à necessidade de viver intensamente (e completamente) o momento presente, quando o amanhã se torna muito imprevisível ou incerto. Por outro lado, também se produz uma sensação de maior intimidade ou ligação entre os parceiros, principalmente no contato com o “*esperma*”. Esta “liberdade sensual e sensorial” vivida no sexo “*sem borracha*” coloca em xeque (ou desafia) os limites ou fronteiras do próprio corpo. Como sugerido por alguns dos meus interlocutores, essa experiência *excessiva* parece produzir ou (re)estabelecer um (novo) sentido, uma marca ou referência para a própria vida.

Portanto, no momento atual, torna-se cada vez mais difícil pensar o *barebacking* como um movimento “organizado” de luta a favor do direito de escolha (usar ou não usar a camisinha) ou

mesmo em prol de novos investimentos para a cura da AIDS. Da mesma forma, também encontramos um grande número de comunidades e fóruns de discussão *online* que fazem referência ou destacam os aspectos positivos do sexo sem camisinha, para além da identidade homossexual¹⁵. Evidentemente, as transgressões continuam a existir e produzir satisfação e prazer. No entanto, elas ocorrem muito mais de forma dispersa ou diluída, individualizada, com propósitos e trajetórias heterogêneas.

Talvez estejamos diante de novos (e complexos) desafios. Ainda que devamos problematizar a fragilidade do tempo atual em relação aos modelos e referências importantes para a construção de projetos comuns ou mais coletivos, é preciso reconhecer a liberdade criativa das pessoas para a produção de (novos) prazeres. Da mesma forma, é preciso reconhecer uma dimensão “*sensual*” ou “*sensorial*” do prazer que mobiliza decisões e escolhas, o que faz questionar alguns modelos tradicionais sobre a moral sexual, sobre o modelo de *self*racional e a própria racionalidade implicada no campo da saúde.

Resumo

Este artigo discute a produção de sentidos sobre a possibilidade de soroconversão nas práticas de barebacking, bem como a dinâmica do bug chasing e suas ambigüidades no contexto brasileiro. Nessa perspectiva, algumas justificativas para a realização do barebacking, de modo geral definido como o sexo anal desprotegido entre homens que fazem sexo com homens de forma intencional, serão focalizadas. Durante a minha trajetória de pesquisa, foram acompanhadas algumas comunidades e fóruns de discussão no Orkut sobre o barebacking, como também desenvolvidas entrevistas online, abertas, no MSN, com barebackers oriundos de distintos estados do país, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil. A busca pela soroconversão também esteve presente nos contextos de interação online do cenário brasileiro, embora haja muito mais uma multiplicidade de interesses e modalidades de barebacking entre os diversos interlocutores online. Como será discutido neste artigo, mais do que adquirir o HIV, existe uma preocupação excessiva por acumular ou intensificar sensações.

Sexo sem Proteção; Homossexualidade Masculina; Comportamento Sexual; Comportamento de Risco

Agradecimentos

Este trabalho é decorrente de uma tese de doutorado, defendida em abril de 2008, no Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA), sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Iriart. Parte deste trabalho foi desenvolvida durante meu estágio de doutorando no exterior, na Université du Québec à Montréal (UQAM), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a orientação do Prof. Dr. Joseph Lévy. A todos eles, o meu agradecimento.

Referências

1. Léobon A, Frigault L-R. La sexualité bareback: d'une culture de sexe à la réalité des prises de risque. http://www.gaystudies.org/article_leobon_bareback.pdf (acessado em 20/Out/2006).
2. Crossley ML. The perils of health promotion and the "barebacking" backlash. *Health* 2002; 6:47-68.
3. Crossley ML. Making sense of "barebacking": gay men's narratives, unsafe sex and the "resistance habitus". *Br J Soc Psychol* 2004; 43:225-44.
4. Rofes E. Desires as defiance: gay male sexual subjectivities and resistance to sexual health promotion. *Health Educ J* 2002; 61:125-37.
5. Spink MJ. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Cad Saúde Pública* 2001; 17:1277-311.
6. Lupton, D. *Risk*. London/New York: Routledge; 1999.
7. Lupton D, Tulloch J. "Risk is part of your life": risk epistemologies among a group of australians. *Sociology* 2002; 36:317-34.
8. Elford J. Changing patterns of sexual behaviour in the era of highly active antiretroviral therapy. *Curr Opin Infect Dis* 2006; 19:26-32.
9. Halkitis P, Parsons J, Wilton L. Barebacking among gay and bisexual men in New York city: explanations for the emergence of intentional unsafe behavior. *Arch Sex Behav* 2003; 32:351-7.
10. Shernoff M. Condomless sex: gay men, barebacking, and harm reduction. *Soc Work* 2006; 51:106-13.
11. Suarez T, Miller J. Negotiating risks in context: a perspective on unprotected anal intercourse and barebacking among men who have sex with men – where do we go from here? *Arch Sex Behav* 2001; 30:287-300.
12. Mansergh G, Marks G, Colfax GN. "Barebacking" in a diverse sample of men who have sex with men. *AIDS* 2002; 16:653-9.
13. Wolitski RJ. The emergence of barebacking among gay and bisexual men in the United States: a public health perspective. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy* 2005; 9:9-34.
14. Shernoff M. The sociology of barebacking. *The Gay & Lesbian Review* 2005; 12:33-5.
15. Silva LAV. Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking [Tese de Doutorado]. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia; 2008.
16. Gauthier D, Forsyth CJ. Bareback sex, bug chasers, and the gift of death. *Deviant Behav* 1999; 20:85-100.
17. Riggs DW. "Serosameness" or "serodifference"? Resisting polarized discourses of identity and relationality in the context of HIV. *Sexualities* 2006; 9:409-22.
18. Tewksbury R. Bareback sex and the quest for HIV: assessing the relationship in internet personal advertisements of men who have sex with men. *Deviant Behav* 2003; 24:467-82.
19. Grov C, Parsons JT. Bug chasing and gift giving: the potential for HIV transmission among barebackers on the internet. *AIDS Educ Prev* 2006; 18:490-503.
20. Ridge DT. "It was an incredible thrill": the social meanings and dynamics of younger gay men's experiences of barebacking in Melbourne. *Sexualities* 2004; 7:259-79.
21. Silva CG, Gonçalves DA, Pacca JC, Merchan-Hammann E, Hearst N. Optimistic perception of HIV/AIDS, unprotected sex and implications for prevention among men who have sex with men, São Paulo, Brasil. *AIDS* 2005; 19 Suppl 4:S31-6.
22. Pirandello L. Um, nenhum e cem mil. São Paulo: Cosac & Naify Edições; 2001.
23. Le Breton D. *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié; 2000.
24. Adam BD. Constructing the neoliberal sexual actor: responsibility and care of the self in the discourse of barebackers. *Cult Health Sex* 2005; 7: 333-46.
25. Gergen KJ. *An invitation to social construction*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications; 1999.
26. Sobral A. Ato/atividade e evento. In: Brait B, organizadora. *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Editora Contexto; 2005. p. 11-36.
27. Bataille G. *O erotismo*. São Paulo: Editora Arx; 2004.
28. Ortega F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. *Cad Saúde Colet (Rio J)* 2003; 11:59-77.
29. Butler J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 2003.
30. Grosz E. *Volatile bodies: toward a corporeal feminism*. Bloomington: Indiana University Press; 1994.
31. Bauman Z. On postmodern uses of sex. *Theory, Culture & Society* 1998; 15:19-33.

Recebido em 22/Out/2008

Versão final rerepresentada em 12/Jan/2009

Aprovado em 03/Fev/2009